

## A poética de Márcia Kambeba e Sony Ferseck na literatura indígena

### *The Poetics of Márcia Kambeba and Sony Ferseck in Indigenous Literature*

Greicielle Rodrigues da Costa<sup>1</sup>

Veronica Prudente Costa<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo propõe uma análise comparativa das obras de Márcia Kambeba e Sony Ferseck, poetas indígenas do contexto amazônico, com o objetivo de explorar as interseções entre literatura, identidade e resistência cultural. Através de uma perspectiva que dialoga com os Estudos Culturais e a Teoria da Literatura, são discutidos os modos como esses autores desafiam representações hegemônicas e promovem a visibilidade das vozes indígenas. O estudo enfoca as fronteiras e confluências entre o local e o global, destacando as formas como Kambeba e Ferseck constroem uma narrativa poética que reconfigura o papel da mulher indígena na Amazônia, inserindo-a em debates contemporâneos sobre interculturalidade e epistemologias não ocidentais. A metodologia envolve uma análise de poemas que abordam a invisibilidade feminina e a ancestralidade, com base em referenciais teóricos como Aníbal Quijano (1992) e Graça Graúna (2013). Conclui-se que suas obras revelam tramas e sentidos complexos da literatura amazônica, contribuindo para a redefinição das fronteiras culturais e identitárias na região.

**Palavras-chaves:** Literatura amazônica; Mulheres indígenas; Márcia Kambeba; Sony Ferseck

**Abstract:** The article proposes a comparative analysis of the works of Márcia Kambeba and Sony Ferseck, indigenous poets from the Amazonian context, with the aim of exploring the intersections between literature, identity and cultural resistance. Through a perspective that dialogues with Cultural Studies and Literature Theory, the ways in which these authors challenge hegemonic representations and promote the visibility of indigenous voices are discussed. The study focuses on the borders and confluences between the local and the global, highlighting the ways in which Kambeba and Ferseck construct a poetic narrative that reconfigures the role of indigenous women in the Amazon, inserting them into contemporary debates about interculturality and non-Western epistemologies. The methodology involves an analysis of poems that address female invisibility and ancestry, based on theoretical references such as Aníbal Quijano (1992) and Graça Graúna (2013). It is concluded that his works reveal complex plots and meanings of Amazonian literature, contributing to the redefinition of cultural and identity boundaries in the region.

**Keywords:** Amazonian literature; Indigenous women; Márcia Kambeba; Sony Ferseck

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas na Universidade do Estado do Amazonas (PPGICH/UEA). Professora efetiva da SEDUC-AM. E-mail: [greicielerodrigues5@gmail.com](mailto:greicielerodrigues5@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Permanente do PPGICH/UEA e do Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Roraima (PPGL/UFRR). E-mail: [prudente.veronica@gmail.com](mailto:prudente.veronica@gmail.com)

## Introdução

Este estudo observa o papel das mulheres indígenas na Amazônia, focando nas obras das autoras Márcia Kambeba e Sony Ferseck. A pesquisa visa entender as opressões culturais e sociais enfrentadas por essas mulheres e está ancorado nas teorias da decolonialidade e da literatura indígena, com suporte nas reflexões de Aníbal Quijano (1992) sobre colonialidade do saber, e nas contribuições de Graça Graúna (2013) e Trudruá Dorrico (2017), que discutem as estratégias literárias e políticas adotadas por escritores indígenas, particularmente mulheres, em sua busca por justiça social e reconhecimento. O foco recai sobre as mulheres indígenas no contexto amazônico, que atuam como agentes de transformação e resistência, utilizando a escrita como uma ferramenta de empoderamento.

Serão analisados dois poemas representativos: “Mulher Indígena e Resistência”, de Márcia Kambeba, presente na obra *De almas e águas kunhãs* (2023), e “Nós mulheres invisíveis”, de Sony Ferseck, do livro *Weiyamî : mulheres que fazem sol* (2020). Essas obras revelam a capacidade de articulação das autoras em reconfigurar narrativas sobre identidades e culturas indígenas, desafiando estereótipos e propondo novas perspectivas.

Analisar os desafios enfrentados e as estratégias usadas pelas mulheres indígenas na literatura como ferramenta de resistência e empoderamento, possibilita a promoção da igualdade de direitos e oportunidades para todos os grupos étnicos e culturais (Kambeba, 2023). As escritoras indígenas utilizam a literatura para desafiar estereótipos e reivindicar espaços de fala, refletindo um movimento coletivo de fortalecimento da identidade indígena. Essas ações são essenciais para decolonizar a literatura brasileira e abrir caminhos para uma maior diversidade e inclusão no cenário literário nacional.

Ao destacar a importância da representatividade na literatura indígena, especialmente nas vozes das mulheres, este estudo visa enriquecer o debate sobre a diversidade étnica no Brasil. A presença dessas narrativas na esfera pública contribui para a luta contra o racismo, o colonialismo e a exclusão social, oferecendo visibilidade aos povos originários e suas culturas (Graúna, 2013). Além disso, ao propor uma relação harmoniosa com a natureza, a comunidade e a espiritualidade, essas obras conectam-se aos princípios do bem-viver, fundamentais para as gerações presentes e futuras (Krenak, 2020).

## **1 Literatura Indígena Feminina e a Ruptura com o Eurocentrismo**

A literatura escrita por mulheres indígenas reflete as conquistas sociopolíticas do movimento indígena, especialmente no Brasil. O desenvolvimento dessa literatura está intimamente ligado à emergência e consolidação política do movimento indígena brasileiro, conforme discutido por Danner, Dorrico e Danner (2018). Esse movimento reivindica um espaço no cânone literário, mas também busca desvincular a literatura indígena de uma perspectiva eurocêntrica e excludente, que historicamente considerou a literatura uma arte exclusiva da Europa.

Segundo Daniel Munduruku (2012), o surgimento do movimento literário indígena representa a atualização das lutas ancestrais dos povos indígenas. A reivindicação do direito à literatura, especialmente por parte das mulheres indígenas, questiona a narrativa hegemônica que há muito tempo marginalizou as expressões literárias dos povos originários. Essa reivindicação vai além do reconhecimento da diversidade cultural, linguística e estética das produções indígenas, implicando uma ruptura com a visão eurocêntrica que moldou os parâmetros da literatura e da educação (Baniwa, 2019).

Nesta perspectiva, a literatura indígena se refere às produções literárias realizadas por autores indígenas, que podem ser escritas em suas línguas nativas ou em português, e que retratam suas culturas, mitologias, histórias e visões de mundo (Carvalho, 2021). Ela aborda temas ligados à espiritualidade, à relação com a natureza, às tradições orais e aos mitos de criação, mesclando reflexões contemporâneas e preservação de histórias ancestrais. A linguagem utilizada pode variar desde a incorporação de palavras e estruturas linguísticas indígenas até o uso poético e metafórico que reflete a cosmovisão desses povos.

Além de suas características temáticas e estilísticas, a literatura indígena desempenha uma função social e política importante, promovendo e preservando as culturas indígenas e resistindo à colonização cultural e política. Ela também possui um papel educativo, informando tanto o público indígena quanto o não-indígena sobre as complexidades e riquezas das culturas indígenas brasileiras (Carvalho, 2021).

## **2 O Protagonismo Feminino de Márcia Kambeba**

Nesse percurso de luta através da escrita, é imprescindível reconhecer o relevante papel desempenhado por Márcia Wayna Kambeba que por meio de suas expressões poéticas

busca resistir de forma dupla às violências associadas à condição de ser indígena e de ser mulher, agindo como protagonista ao empreender esforços significativos para confrontar as tentativas de silenciamento das vozes das mulheres indígenas.

Declaradamente atuante nas causas indígenas, Márcia Kambeba autodenomina-se uma “artista”, uma vez que entrelaça o ativismo com diversas manifestações artísticas como a literatura, a música, fotografia e outros, cujas potências de engajamento têm repercutido nacional e internacionalmente. Nascida, na aldeia Belém de Solimões no Amazonas, graduada em Geografia na Universidade do Estado do Amazonas, fez mestrado na mesma área pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e atualmente mora em Belém do Pará, onde faz seu doutoramento em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará.

Surgindo no cenário artístico, musical e literário, a escritora Márcia Kambeba percorre uma variedade de espaços culturais, desde as redes sociais, universidades e comunidades indígenas. Sua trajetória parece se aproximar das experiências de Eliane Potiguara e Graça Graúna, outras autoras indígenas que optaram por explorar diferentes campos artísticos.

Lançou *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade*, seu primeiro livro, em 2013, inicialmente como um e-book e posteriormente publicado pela editora Pólen de São Paulo. No mesmo ano lançou *O lugar do Saber*, uma coleção de poemas pela editora Casa Leiria e em 2020 publicou *Saberes da Floresta* pela Editora Jandaíra de São Paulo. Sua obra de maior destaque nesta pesquisa, *De Almas e águas Kunhãs* foi lançado em 2023 pela mesma editora, livro que aborda o lugar das mulheres indígenas e a importância do seu papel na luta contra os estereótipos. O livro é ilustrado com grafismos desenhados pela própria autora e conta com o prefácio da escritora e ativista indígena Eliane Potiguara.

### **3 A Construção Literária de Sony Ferseck**

Outra importante voz na literatura indígena contemporânea é Sonyellen Fonseca Ferreira, conhecida pelo pseudônimo de Sony Ferseck. Apesar de ser natural de Belém do Pará, cresceu em Boa Vista-Roraima, onde se formou em Letras pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Também conhecida como Wei Paasi, em makuxi, nasceu em 1988 no estado de Roraima, terra que ela carinhosamente chama de Império de Wei. Sua jornada de reencontro com suas raízes indígenas começou durante sua graduação em Letras na

Universidade Federal de Roraima, quando se dedicou a conhecer mais profundamente os povos indígenas de sua região.

Para Sony Ferseck, sua conexão com a ancestralidade vai além de uma mera identificação; ela se vê como neta de Wei, a sol, uma figura feminina que nutre a terra para alimentar seus parentes. Essa ligação profunda com suas origens se reflete em sua escrita e em seu trabalho editorial. Em 2019, juntamente com Devair Fiorotti, fundou a Wei Editora com o objetivo de financiar e publicar obras de artistas indígenas.

Sony Ferseck lançou seu primeiro livro de poesia, *Pouco Verbo*, em 2013, *Movejo* em 2020 e *Weiyamî: mulheres que fazem sol* em 2022, todos pela Wei Editora. Sua escrita é um testemunho do reencontro constante com suas raízes, uma celebração da cultura e da espiritualidade indígena que ecoa nas páginas de sua poesia.

#### **4 O Eu-Nós Lírico-Político na Poética de Márcia Kambeba**

A obra poética de Kambeba que nos concentraremos neste texto é *De almas e águas kunhãs* (2023), pois revela uma forte expressão poética centrada no “lírico-político”. Este conceito encontra respaldo nas considerações de Trudruá Dorrico (2017) sobre a complexa interação entre o indivíduo e a coletividade, transcendendo as fronteiras convencionais da autoria. Como destacado por Dorrico (2017), essa voz não é apenas uma expressão singular, mas uma representação densa da experiência indígena, amalgamando o eu e o nós em um diálogo constante.

Ao adentrar as páginas deste livro de ensaios e poesias, somos guiados por uma jornada íntima e coletiva pelas memórias ancestrais compartilhadas de seus parentes. É como se folheássemos os baús da história de uma ancestralidade vívida, narrada em versos, ritmos, canções e imagens. A autora nos convida a sentir a “auto-história”, de uma mulher indígena, confrontada pelas forças hegemônicas e misóginas que a impulsionam a se narrar constantemente. Simultaneamente, ela delinea confrontos e hibridizações entre a cultura indígena e a ocidental, explorando temáticas contrastantes, como a dinâmica entre aldeia e cidade, a interação entre memória e história, o diálogo entre oralidade/grafismos e escrita alfabética, bem como as relações entre indígenas, o homem branco e os caboclos.

Por meio de sua poética, a autora destaca e evidencia a rica cultura do povo Omágua/Kambeba a partir da contraposição ao olhar eurocêntrico predominante,

proporcionando uma narrativa alternativa sobre a história indígena. Essa abordagem é permeada pela subjetividade artística da escritora e pela história e memória cultural de seu povo, oferecendo uma perspectiva instigante para a compreensão das experiências indígenas.

Nesse contexto, o presente estudo visa aprofundar a análise de um poema da escritora, denominado “Mulher Indígena e Resistência”, presente na obra *De almas e águas kunhãs* (2023) e investigar a conexão estabelecida pela autora com o eu-lírico-político, conforme conceituado por Dorrico (2017) no artigo “A oralidade no impresso: o ‘eu-nós lírico-político’ da literatura indígena contemporânea” e examinar como ela contribui para a resistência contra o silenciamento histórico das mulheres indígenas.

É notório que a simplicidade e a concisão dos versos envolvem os leitores em um movimento cíclico entre o “mundo íntimo do eu-lírico” ao mesmo tempo que declara a voz da coletividade. Aplicando o “eu-nós lírico-político” de Trudruá Dorrico (2017), cujo conceito aborda a fusão entre a voz individual e a coletiva na literatura indígena contemporânea, o “eu” do poema se expande para incluir o “nós”, refletindo uma identidade coletiva e uma resistência cultural. Essa interação cria uma narrativa que vai além do individualismo, promovendo um diálogo entre o pessoal e o comunitário, reforçando a coesão e a força das tradições indígenas. Dessa forma, a voz poética no poema de Kambeba além de ser uma expressão do “eu”, também é uma representação da experiência indígena coletiva, unindo o eu e o nós em uma voz potente, como podemos observar no poema:

### **Mulher indígena e resistência**

Vivi um tempo bom  
Sem preconceito, do meu jeito  
Nesse tempo não tinha a bala da opressão,  
Minha nudez não causava vergonha  
Tinha paz no meu lugar  
O meu ser feminino  
Sabia lutar e apaziguar

A natureza era respeitada  
Em mim se fazia morada  
Todos os espíritos de proteção  
Não se falava em espada  
E nada se sabia  
Sobre a cruz da evangelização

O feminino sagrado do meu corpo/território  
Nunca havia sentido a dor da violação



No ritual se pedia providência  
Para a mulher ter boa gestação

Mas veio um período de dor  
Conheci o invasor  
E a violência da colonização  
Tirou a paz do meu povo  
Buscavam por um mundo novo  
Nos deram doença e crueldade  
E hoje, para resistir, preciso criar raiz  
Na aldeia e na cidade

O elo entre o eu e o nós pode ser observado nas expressões como: “Vivi um tempo bom”, “do meu jeito”, “minha nudez”, “no meu lugar”, “o meu ser feminino” com a imponente representação de sua coletividade nos versos: “Tirou a paz do meu povo/Buscavam por um mundo novo/Nos deram doença e crueldade”. A alternância despretensiosa dos pronomes possessivos confirma essa complementaridade da identidade indígena de Márcia Kambeba. Aplicando o conceito de “eu-nós lírico-político” (Dorrigo, 2017), essa alternância revela a complexa interação entre a expressão individual e a coletiva, mostrando como a voz poética de Kambeba se molda em um contexto histórico de resistência cultural. A escolha de pronomes revela não apenas um diálogo entre o eu individual e a coletividade, mas também a luta contínua contra as adversidades impostas pelos colonizadores. Esse movimento entre o pessoal e o coletivo, sublinha a resiliência e a riqueza da identidade indígena, reafirmando a importância de reconhecer e valorizar as narrativas indígenas na literatura contemporânea.

A medida que ela se apropria das memórias de seu povo, representadas por elementos como “natureza”, “espíritos de proteção”, “corpo/território” e “no ritual”, além de outros aspectos culturais, isso revela que, em suas coletividades, os indígenas encontram forças para resistir aos desafios históricos, políticos, sociais e culturais que enfrentam ao interagir com os “outros”, pertencentes a sistemas etnocêntricos e legitimadores.

Pode-se afirmar que Márcia Kambeba encontra uma força de resistência ao permitir que sua voz poética ecoe – a voz de uma mulher que, deslocada de seu espaço originário e vivendo no ambiente urbano, se reconstrói constantemente através do contato com culturas não indígenas. Em seus versos, ela expressa essa dualidade: “E hoje, para resistir, preciso criar raiz/ Na aldeia e na cidade”.

Este poema também oferece uma reflexão sobre a experiência das mulheres indígenas diante da colonização e da opressão, destacando sua resiliência e luta pela preservação de sua identidade e cultura. Na primeira estrofe, é apresentado um olhar nostálgico para um passado em que a vida das mulheres indígenas era marcada pela paz, harmonia com a natureza e respeito ao feminino sagrado. Expressões como “um tempo bom”, “sem preconceito” / “não tinha a bala da opressão”/“minha nudez não causava vergonha” e “tinha paz no meu lugar” evocam essa época de tranquilidade e autonomia. Esse período que inferimos ser anterior à colonização é descrito como caracterizado pela ausência de preconceitos em relação à nudez e à identidade feminina, além do respeito à natureza e aos rituais sagrados que celebravam a vida e a fertilidade. Essa imagem idealizada do passado serve como contraste com o período de dor e violência trazido pela colonização e pela imposição de valores e crenças estrangeiras.

A transição para a segunda parte do poema marca o início da ruptura desse período de tranquilidade e autonomia com a chegada do invasor e da colonização. Nos versos “Mas veio um período de dor/Conheci o invasor/E a violência da colonização/Tirou a paz do meu povo”, a poeta descreve a violência e a opressão que acompanharam esse processo histórico, evidenciando a perda da paz e da liberdade anteriormente desfrutadas. Para Aníbal Quijano (1992) a colonialidade é a perpetuação das estruturas de poder e controle social e econômico originadas no período colonial, mas que ainda persistem nas sociedades contemporâneas. Percebe-se, desta forma, que a referência à “bala da opressão” e à “cruz da evangelização” no poema, ilustram como a colonialidade impôs novos sistemas de controle e exploração, destruindo a paz e a autonomia dos povos indígenas.

A introdução do invasor e da violência da colonização representa um ponto de virada nos versos do poema, marcando o início de um período de luta e resistência para as mulheres indígenas. A autora denuncia as consequências nefastas da colonização, que trouxe doenças, crueldade e desrespeito aos povos indígenas, ameaçando sua existência e sua forma de vida tradicional. Fazendo uma intertextualidade entre “Mulher indígena e resistência” com a composição “Índios” da banda Legião Urbana, a música traz a idealização dos povos indígenas como “a mais bela tribo” destaca a pureza e a inocência antes do contato com os colonizadores. Ao citar que “nos deram espelhos e vimos um mundo doente” evidencia a introdução de conceitos estranhos que distorceram a visão dos indígenas sobre si mesmos e sobre o mundo ao seu redor.



Esse impacto é complementado por Márcia Kambeba quando descreve vividamente como a colonização trouxe “doença e crueldade”, devastando a paz de seu povo. Ambos os textos convergem ao demonstrar que a colonização resultou em danos físicos às comunidades indígenas, mas também teve um impacto profundo em sua identidade cultural. Além disso, destacam como as influências coloniais alteraram a percepção dos indígenas sobre si mesmos, além de introduzir elementos destrutivos que continuam a ser desafiados até hoje. Esses versos ressoam em uma reflexão sobre a inocência perdida e a luta persistente para restaurar e fortalecer a cultura indígena, sublinhando a importância da resistência cultural como uma forma de enfrentar as injustiças históricas e contemporâneas.

Nesta perspectiva, a violação do “corpo/território” feminino simboliza tanto a invasão dos corpos das mulheres indígenas quanto a usurpação das suas terras. Este duplo impacto sublinha a interconexão entre o eu individual e a coletividade indígena

A referência à necessidade de criar raízes em um duplo lugar - “E hoje, para resistir, preciso criar raiz/Na aldeia e na cidade” - destaca a adaptabilidade e a determinação das mulheres indígenas em preservar sua identidade e cultura, mesmo diante das pressões da modernidade e da assimilação cultural. Essa afirmação ressalta a importância da conexão com a terra e com as raízes culturais como fonte de força e resistência na luta pela sobrevivência e pelo reconhecimento de seus direitos.

Na última estrofe, o eu-lírico reflete sobre o impacto desse encontro violento com o colonizador e a necessidade de resistência e preservação da identidade indígena. Aqui, a conexão com os conceitos de “eu-nós lírico-político” (Dorrigo, 2017) se intensifica, pois a poeta não apenas narra suas próprias experiências, mas também as insere em um contexto coletivo de luta e resistência pois: “Tirou a paz do meu povo”. Sua escrita se torna uma ferramenta importante para expressar a voz de seu povo desafiando estereótipos, rompendo com narrativas hegemônicas e reafirmando a autonomia e vitalidade das culturas indígenas. Em suma, “Mulher Indígena e Resistência” é uma expressão poética que ressalta a resiliência e a luta das mulheres indígenas diante da colonização e da opressão, destacando sua busca por paz, dignidade e justiça em meio aos desafios contemporâneos.

## 5 As mulheres que não são invisíveis na obra de Sony Ferseck

No poema “Nós mulheres invisíveis”, presente na obra *Weiyamî : mulheres que fazem sol* (2022) , Ferseck também aborda de maneira intensa as experiências das mulheres indígenas. Assim como Kambeba, Ferseck utiliza a poesia como um meio de expressar suas próprias vivências e também como uma forma de inserir essas narrativas em um contexto coletivo de resistência e luta política.

Na literatura indígena brasileira, como observa Janice Thiél (2012, p. 87), os elementos estético-visuais não servem apenas como ilustrações, mas também como símbolos que refletem as construções simbólicas e culturais de cada povo. A análise desses textos deve considerar o direito à linguagem e à representação que essas produções oferecem, já que:

Diferentes tradições, sejam elas centradas em elementos gráficos, orais, visuais ou performáticos, encontram formas para que os indivíduos se revelem em sua construção identitária e na percepção do outro. Assim, essas práticas ajudam a formar narrativas a partir de observações e imaginários que moldam identidades (Thiél 2012, p. 87).

Os aspectos estético-visuais presentes na literatura indígena dialogam com os contextos tradicionais dos quais o autor indígena faz parte e afirma sua identidade histórica e cultural. Esses elementos, com conotações coletivas, proporcionam um diálogo enriquecedor para experiências literárias que oferecem uma perspectiva distinta, promovendo a compreensão de outras vivências e experiências linguísticas.

A relação dinâmica entre oralidade e escrita na obra *Weiyamî - Mulheres que fazem sol* se amplia através do diálogo intersemiótico com as ilustrações de Georgina Sarmento, conforme destacado por Rita Olivieri-Godet no prefácio do livro. As ilustrações de Sarmento, belas e desconcertantes, complementam a tensão linguística entre o português e a língua makuxi, criando um imaginário plástico denso e complexo. Este processo híbrido de escrita e imagem revela um espaço simbólico, enriquecendo a narrativa poética e cultural de Sony Ferseck.

**Figura 1: União das mulheres indígenas**



Fonte: (Ferseck, 2022, p.8)

O poema “Nós mulheres invisíveis” é uma ode às mulheres indígenas, uma poética que revela suas lutas, suas dores e sua resiliência diante das adversidades impostas pela sociedade. Cada aspecto do poema é cuidadosamente elaborado para transmitir as complexidades das vidas das mulheres indígenas e a luta que enfrentam em uma sociedade que frequentemente as marginaliza, como podemos observar:

nós mulheres invisíveis  
aprendemos pela casa  
a linguagem dos cômodos  
apertando entre os dentes  
nosso silêncio de sangue  
empurrado pelos quartos  
como os filhos que teremos  
& que nos odiarão pelo espelho  
(mas ainda assim o espelho virá)

nós mulheres domésticas  
desaprendemos do nosso antigo nome  
que antes dizia bicho rio sol beija-flor  
pra virar água de batismo-catequese-castigo  
rima qualquer entre o som & o desprezo

que não grita mais a palavra deus  
(mas ainda assim dito)

nós mulheres silenciosas  
muito menos parecidas com as outras  
vivas ou mortas  
guardamos entre as pedras os ossos  
dos homens que jamais nos predisseram  
assim como a eles  
só nos restam cantigas rupestres  
incrustadas nos ermos de não ir  
(mas que ainda assim iremos)

que não se enganem  
toda aquela que faz silêncio  
guarda o intocável  
assim permanecemos  
tecendo a vida como a  
fibra de um ornamento  
uma língua de fumaça  
que só diz palavras de cura  
afiando a lâmina pela terra  
em luta  
nós mulheres infinitas.

\* Para as mulheres indígenas

Percebe-se que Ferseck nos conduz por entre os corredores da casa onde as mulheres aprendem a linguagem dos cômodos, a linguagem do silêncio, realidade ainda expressiva dos lares brasileiros. O poema começa com a evocação das “mulheres invisíveis”, uma referência à marginalização e à invisibilidade das mulheres indígenas na sociedade. Eles aprendem a linguagem dos cômodos da casa – “aprendemos pela casa/a linguagem dos cômodos” – uma metáfora para o seu lugar confinado e subordinado na estrutura patriarcal. Seu silêncio é comparado ao sangue- “nosso silêncio de sangue” – uma parte essencial de sua identidade que é reprimida e contida. Conforme observado por Lilianny Gomes da Silva (2023, p. 56),

O poema de Sony Ferseck nos proporciona uma pluralidade de sentimentos durante a leitura de cada verso. O eu poético utiliza o pronome pessoal reto, indicativo da 1ª pessoa do plural, tornando-se assim uma das mulheres retratadas no poema, o que também permite ao leitor um envolvimento maior, de modo que nos identifiquemos com as mulheres ali representadas.

Para estabelecer imediatamente a voz coletiva das mulheres indígenas, o poema já inicia com a expressão “nós mulheres invisíveis” e continua a explorar as experiências

compartilhadas de silêncio, dor e resistência. Cada estrofe é marcada por uma repetição do pronome “nós” que reforça a identidade coletiva e a solidariedade entre as mulheres indígenas. Esta abordagem, conforme descrito por Dorrico (2017), amplia a expressão singular e aproxima o eu e o nós em um diálogo contínuo, representando a complexidade da experiência indígena feminina.

As mulheres domésticas são retratadas como tendo desaprendido seus nomes ancestrais, que antes estavam conectados à natureza e à vida originária. Agora, elas são batizadas, catequizadas e castigadas, perdendo sua conexão com suas raízes e tradições – “desaprendemos do nosso antigo nome/que antes dizia bicho rio sol beija-flor/pra virar água de batismo-catequese-castigo” – A referência à palavra “deus” destaca a imposição do cristianismo e a pressão para a perda da espiritualidade indígena – “rima qualquer entre o som & o desprezo/que não grita mais a palavra deus/(mas ainda assim dito)”.

Para dar continuidade à colonialidade, ou seja, à perpetuação das estruturas de poder e controle que se originaram no período colonial (Quijano, 1992), são evidenciadas normas coloniais que reprimem e silenciam as vozes das mulheres indígenas, por expressões como: “nossa nudez não causava vergonha” e “aprendemos pela casa a linguagem dos cômodos,” que refletem esta estrutura. A “cruz da evangelização” simboliza a imposição de valores religiosos e culturais coloniais que desestruturaram as identidades indígenas. Os versos “empurrado pelos quartos como os filhos que teremos e que nos odiarão pelo espelho” ilustram a contínua violência e alienação provocada pelo colonialismo. As mulheres indígenas são retratadas como figuras invisíveis que carregam o peso de uma história de opressão. A referência ao espelho simboliza a auto-reflexão e o auto-ódio que resultam da internalização dos valores coloniais.

Apesar da opressão e do silenciamento, as mulheres silenciosas guardam a memória das que as precederam, incluindo “os ossos dos homens” que as desrespeitaram. Elas se agarram às cantigas rupestres e à tradição oral como formas de resistência e preservação de sua cultura e identidade – “só nos restam cantigas rupestres/incrustadas nos ermos de não ir”.

Apesar da imposição de silêncio e invisibilidade, o poema conclui com uma nota de resistência: “que não se enganem toda aquela que faz silêncio guarda o intocável”. Esta afirmação ressoa com o conceito de eu-nós lírico-político, mostrando como as experiências individuais de dor e silêncio são transformadas em uma força coletiva de resistência. As mulheres indígenas, embora silenciadas, mantêm intactas suas tradições e memórias, tecendo



“a vida como a fibra de um ornamento”. A metáfora de tecer a vida como uma “fibra de ornamento” e falar “palavras de cura” ressalta a capacidade das mulheres indígenas de transformar sua dor em empoderamento e sua vulnerabilidade em força.

Assim como Márcia Kambeba, cujos versos poéticos também narram a resiliência frente às violências da colonização, Sony Ferseck adiciona uma voz contemporânea e essencial à literatura, mostrando como a arte pode ser uma poderosa ferramenta de resistência e afirmação cultural. Juntas, essas autoras destacam as lutas enfrentadas pelas mulheres indígenas e também sua perseverança e capacidade de manter viva a chama da identidade e da dignidade em face das adversidades históricas e contemporâneas.

### **Considerações Finais**

As literaturas indígenas representam além de representar uma expressão cultural, também atuam como uma voz de resistência e de transformação em meio aos desafios enfrentados pelas comunidades indígenas no Brasil. Este estudo buscou explorar o papel fundamental dessas literaturas na construção de uma sociedade mais inclusiva e decolonial, com foco especial no protagonismo das mulheres indígenas como agentes de mudança.

Ao longo da análise, ficou evidente que a incorporação das literaturas indígenas na sociedade brasileira desafia os paradigmas epistemológicos impostos pela colonialidade, ao oferecer uma perspectiva alternativa e mais ampla da diversidade cultural do país. Através das obras de Márcia Kambeba e Sony Ferseck, foi possível observar como essas escritoras indígenas utilizam a poesia como uma ferramenta de resistência, empoderamento e reafirmação de suas identidades e culturas.

O poema “Mulher Indígena e Resistência” de Márcia Kambeba e “Nós mulheres invisíveis” de Sony Ferseck são exemplos marcantes dessa resistência, pois abordam as experiências, dores e lutas das mulheres indígenas de forma poética e poderosa. Essas obras nos convidam a refletir sobre a invisibilidade, o silenciamento e a marginalização que muitas vezes afetam as mulheres indígenas, mas também nos inspiram com sua força, sua resiliência e sua capacidade de recriar narrativas próprias.

Além disso, a pesquisa destacou a importância de ampliar o reconhecimento e o acesso às literaturas indígenas, bem como de valorizar e apoiar o trabalho das escritoras indígenas, proporcionando espaços para que suas vozes sejam ouvidas e reverberadas na sociedade



brasileira. Em um contexto marcado por desafios sociais, políticos e ambientais, a literatura indígena atua como uma fonte de conhecimento e esperança que contribui para a construção de um país mais respeitoso com as diversas identidades e expressões culturais que o compõem.

## Referências

CARVALHO, Fábio Almeida. Literatura indígena. In: JOBIM, José Luís; ARAÚJO, Nabil SASSE, Pedro Puro (Org.). **(Novas) Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021. E-book ed. p. 379-421.

DORRICO, Julie. A oralidade no impresso: o 'eu-nós lírico-político' da literatura indígena contemporânea. **Boitatá** 12.24 (2017): 216-233.

DORRICO, Trudruá. Temos direito a nomes indígenas. Disponível em: <https://arpenma.org/uol-artigo-temos-direito-a-nomes-indigenas-por-julie-dorrico/>. Acesso em 19 de jun.2024.

FERSECK, Sony. Movejo / Sony Ferseck. Boa Vista, Wei Editora, 2020.

FERSECK, Sony. **Weiyamî: mulheres que fazem sol**. [ilustração] Georgina Sarmento. Boa Vista, RR: Wei Editora, 2022.

GOMES DA SILVA, Lilianny Loize. **Nós mulheres infinitas: o feminino em poemas de Conceição Evaristo e Sony Ferseck**. Boa Vista: Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL, 2023.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Massa Edições, 2013.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **De almas e águas kunhãs**. 1 ed. São Paulo: Editora Jandaíra, 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú indígena**, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.